



## A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM SERVIÇO NA PERSPECTIVA DA ECOLOGIA INTEGRAL E DO NOVO HUMANISMO

### TEACHER'S QUALIFICATION AT SCHOOL FROM THE PERSPECTIVE OF INTEGRAL ECOLOGY AND THE NEW HUMANISMO

Maria Carolina Andrade Sousa de Avila<sup>1</sup>  
Colégio Santo Agostinho

Vânia Noronha  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

#### RESUMO

O atual líder da Igreja Católica, Papa Francisco, vem alertando, nesses últimos tempos, a sociedade global sobre vários aspectos que envolvem a vida humana e propondo ações para seus enfrentamentos. Assim, a conversão ecológica é pauta do documento *Pacto Educativo Global*, que se baseia na *Laudato Si'*, dirigido aos docentes, principalmente aos educadores católicos, como proposta de formação em serviço. O documento aposta que a formação em serviço é urgente nas escolas comprometidas com um novo humanismo, uma vez que é no *locus* da ação que o professor reflete sobre a própria prática e renova as esperanças de educar para a transformação. Como Paulo Freire nos fez despertar para a utopia da transformação por meio da educação, o Papa Francisco assim o faz. O Sumo Pontífice encontra diálogo com o nosso patrono e converge com a ideia de uma educação para o pensamento complexo, defendido por Edgar Morin, dentre outros. Esse ensaio pretende discutir algumas dessas ideias, provocando os educadores e educadoras a refletirem sobre o seu papel na busca de uma educação que considere, urgentemente, construir uma cidadania planetária, numa perspectiva da ecologia integral e de um novo humanismo.

**Palavras-chave:** Trabalho docente, formação em serviço, Pacto Educativo Global, ecologia integral, novo humanismo.

---

<sup>1</sup> Para Caio, Giovanna, Vinícius e todas as crianças do planeta!!!



## **ABSTRACT**

The current leader of Catholic Church, Pope Francisco, has been warning global community about several aspects that involve human life and suggesting actions face them. Therefore, the ecological conversion is the subject of "Global Educational Pact", which is based on "Laudato Si" and it is aimed at teachers, specially Catholic ones, as a proposal of qualification. The document states the urgency for the qualification at schools committed with a new humanism, once it is at the locus of the actions that the teacher reflects about his/her own practice and renew the hopes of educating to transform. As Paulo Freire has awaken to transform through education, so does Pope Francisco. The Supreme Pontiff dialogs with our patrone and shares the idea of an education for the complex thought, stated by Edgar Morin, among others. This work intends to discuss some of these ideias, instigating educators to think about their role in search of an education that considers, urgently, in building a planetary education, in a perspective of a integral ecology and a new humanism.

**Keywords:** Teaching work, qualification at school, Global Educational Pact, integral ecology, new humanism.



## INTRODUÇÃO

*Anda, quero te dizer nenhum segredo  
Falo desse chão da nossa casa  
Vem que tá na hora de arrumar...*

(Guedes e Bastos, 1981)<sup>2</sup>

A proposta desse artigo é provocar nos leitores uma reflexão voltada à formação dos professores em serviço, para que esses passem a adotar em suas ações, a proposta do Papa Francisco, explicitada no *Pacto Educativo Global*. A preocupação com o planeta Terra tem exigido o comprometimento com a construção, urgente, de uma cidadania planetária e da ecologia integral, em busca de um novo humanismo. Para tanto, entendemos ser necessário a compreensão sobre o que propõe o Pontífice para a educação escolar; um debate sobre o paradigma emergente do pensamento, que considera o esvaziamento do paradigma clássico e a incapacidade deste último em contemplar essas questões; e a reflexão sobre a formação docente em serviço, de modo a possibilitar um repensar da prática dos professores e professoras com vistas ao cuidado com o planeta, com a natureza e com o ser humano. Reconhecemos a urgência de toda a coletividade olhar para essa demanda humanitária, destacando, em especial, a função social da escola, bem como dos educadores e de suas escolhas quanto aos processos educativos.

### 1. O novo humanismo proposto pelo Papa Francisco

*Tempo, quero viver mais duzentos anos  
Quero não ferir meu semelhante  
Nem por isso quero me ferir.*

A importância do papel social do Papa Francisco para a sociedade contemporânea é inquestionável. O atual líder da Igreja Católica apresenta uma postura a favor dos pobres, contra as injustiças sociais e em cuidado com a natureza, enaltecendo o propósito cristão de serviço e humildade em cada ser humano, além de reverberar amor e fraternidade em suas falas e ações públicas. Das diversas inspirações já produzidas em seu pontificado, destacam-se, no

---

<sup>2</sup> *O sal da terra*, Beto Guedes e Ronaldo Bastos (1981).



cenário educacional, a Carta Encíclica *Laudato Si'* e o *Pacto Educativo Global*, que são o pano de fundo para este trabalho.

Impossível na atualidade falar do Sumo Pontífice sem tratar de ecologia integral, uma vez que as proposições apresentadas ao longo de sua regência caminham para a consolidação de um novo humanismo, enaltecendo o cuidado com a Casa Comum. Como exemplo de outras produções que caminham nessa direção, existem discursos, homilias, cartas abertas, encíclicas como a *Fratelli Tutti e Lumen Fidei*, exortações apostólicas como *Evangelii Gaudium*, *Amoris Laetitia*, *Gaudete et Exsultate*, além de entrevistas e depoimentos em diferentes contextos que ressaltam a sua proposta humanista.

A grandiosa caminhada desse Papa em favor da educação para uma cidadania planetária, na qual “tudo está interligado” (LS.91), é uma trajetória que precisa de atenção. Nela, ele exulta a necessidade de se ter uma preocupação com a Casa Comum, principalmente no que tange aos bens não renováveis, de se unir ao amor sincero pelos seres humanos, da redução do consumo e de se atentar para manter o compromisso constante pela solução dos problemas sociais.

Segundo Francisco (2020, s/p), a “educação é um movimento que ilumina as pessoas”. No seu movimento natural e peculiar, com o dinamismo real capaz de promover a educação integral, a articulação do Papa se destaca no cenário educacional, principalmente, pelo *Pacto Educativo Global*, um documento que inspira (ou pelo menos deveria inspirar) os educadores. Um destaque desse documento é a sua potencialidade em lidar com a educação de forma planetária, saindo do contexto exclusivamente católico, ao abranger toda a comunidade mundial. O documento sinaliza ao cenário globalizado a oportunidade de lidar com a educação como o caminho de transformação da sociedade em saída para a crise ecológica que afeta a todos, sem exceção ou distinções.

Ao reconhecer que “para educar uma criança é necessária uma aldeia inteira” (FRANCISCO, 2019, s/p), a proposta do documento sinaliza à sociedade mundial que esse não é um processo apenas de escolas, mas, sim, de toda a comunidade, ou melhor, de toda a sociedade. O *Pacto* apresenta sete compromissos para com o educando, potencializando o seu processo educativo na intenção de uma formação integral, são eles: colocar a pessoa no centro; ouvir as gerações mais novas; promover a mulher; responsabilizar a família; se abrir à acolhida; renovar a economia; a política e cuidar da casa comum (FRANCISCO, 2020). Se apropriar desses compromissos faz da comunidade uma parcela



catalizadora de processos na formação de seres humanos mais comprometidos consigo mesmos e com a natureza.

A relevância do *Pacto Educativo Global* tem início bem antes do próprio documento ser lançado, pois ele é a comemoração dos 5 anos de exibição da *Laudato Si'* e reforça a Carta Encíclica ao espaço de formação docente. Os educadores que já haviam sido convidados a aprofundar suas leituras para enfrentar a crise socioambiental em 2015, agora o são para conhecer o seu papel no processo de consolidação de uma cidadania planetária, construída no seu próprio ambiente de trabalho, ou seja, numa formação em serviço. Nesse sentido, é importante destacar que, para que a formação desse cidadão esteja conectada a uma disponibilidade para o bem comum, é preciso coragem: “A coragem de colocar a pessoa no centro [...]. A coragem de investir as melhores energias [...]. A coragem de formar pessoas dispostas a colocar-se ao serviço da comunidade” (FRANCISCO, 2020).

Morin (2002) afirma que o homem é um ser crísico e que devemos entender a crise como provocadora de mudanças, de deslocamentos e desarranjos, que possibilitem outra organização do caos e configuração de novos arranjos. É preciso coragem para enfrentar a crise contemporânea, que se faz como uma das mais complexa e desafiadora, e que nos propõe, como principal perspectiva de mudança, o repensar do paradigma civilizatório em curso. As vítimas sistêmicas (os pobres e a terra), relatadas por Dom Vicente Ferreira (2022), merecem a nossa atenção, o nosso olhar cristão e o desenvolvimento de uma visão profunda da ecologia integral. O que se espera é que a ecologia integral possa se tornar parte de um pensamento próprio de vida, de uma transformação de atitude e de pensamento, de uma conversão ecológica (FRANCISCO, 2015).

Segundo Coelho (2021), a proposta do Papa Francisco se concretiza somente com a mudança de estilo de vida humana, de modo que a ideia de uma conversão ecológica seja mais incisiva na compreensão do problema do que a noção de consciência ecológica. Não basta ter a consciência, é preciso agir. Para este autor e o Papa, a conversão ecológica coloca a ecologia integral em prática e está para além da reflexão sobre as crises. Nesse sentido, é preciso pensar e elaborar estratégias pessoais e globais para se viver melhor na era planetária (MORIN, 2002). Para essa condição, é preciso viver em conversão ecológica e exercer a cidadania planetária, conectando e cuidando de tudo e todos no planeta, com a Casa Comum.



É preciso reconhecer que o século XX nos deixou uma herança dupla, a um só tempo, herança de morte e de nascimento (MORIN, 2002). A Mãe Natureza vem, há muito, nos mostrando sua insatisfação com a própria humanidade. *Tsunamis*, furacões, aumento do nível da temperatura e o descongelamento de geleiras são apenas alguns exemplos. A possibilidade do extermínio da espécie humana é cada vez mais real. Entretanto, na condição humana de nascimento, a cidadania planetária, ou cidadania terrestre, encontra no humanismo solidário a esperança, a responsabilidade social, as condições de vida que favorecem a reforma do pensamento.

Em vista disso, Morin (2002) considera que “precisamos doravante aprender a ser, viver, dividir e comunicar como humanos do Planeta Terra, não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos” (MORIN, 2002, p. 76). Por isso, é necessário agir sobre as crises humanitárias escancaradas pelo Papa Francisco na *Laudato Si'* com uma estratégia eficiente e esperançosa para a humanidade, que só se efetivará via educação. Isto demanda uma mudança paradigmática urgente e a construção de outras bases epistemológicas e cosmológicas de ver e viver nesse mundo.

## 2. O paradigma emergente na construção do novo humanismo

*Vamos precisar de todo mundo  
Pra banir do mundo a opressão  
Para construir a vida nova  
Vamos precisar de muito amor  
A felicidade mora ao lado  
E quem não é tolo pode ver.*

*A paz na terra amor  
O sal na terra!  
A paz na terra amor  
O sal da terra!*

A fraternidade é um preceito da comunidade cristã. O maior ensinamento de Cristo é o amor, que se dá nas relações de fraternidade com o outro. Maturana (2009, p. 26) afirma que “relações humanas que não estão fundadas no amor – eu digo – não são relações sociais”, elas estão na base daquilo que pode fortalecer ou distanciar os seres humanos. Maturana (2009), quando diz que o amor é a emoção que funda o social, aquela que promove a aceitação do outro em uma convivência, está falando de algo que está fora de um amor cristão. Esse amor é visto como um amor biológico, como a emoção, aspecto central na história



evolutiva do ser humano em se tornar verdadeiramente humano. Entretanto, o autor não descarta o cristianismo enquanto manifestação amorosa para com o próximo, ao sinalizar que a relação de amor está para além de uma relação com a religião.

No caso do cristianismo, especificamente para os católicos, a importante reflexão sobre o amor está na base dos ensinamentos de Cristo aos humanos de todo mundo. Diante de tantas mudanças de ordem social, econômica, política, espiritual, dentre outras pelas quais passaram a humanidade, o amor tem se tornado cada vez mais distante desses preceitos cristãos. No mundo contemporâneo, ama-se cada vez mais o dinheiro, as coisas, onde o próprio ser se tornou coisificado e passível de descarte em suas relações. É essa atualidade que faz o indigenista Ailton Krenak (2020) questionar o que efetivamente estamos compreendendo por humanidade nesses nossos tempos? Para ele, o ser humano vem se distanciando cada vez mais da sua essência:

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. (KRENAK, 2020, p. 83)

É nessa mesma direção que as propostas do Papa Francisco tem convocado a instituição escolar a refletir e agir com base em outras possibilidades de relações amorosas com o outro, com o planeta, com a natureza e a Casa Comum. Essa análise amorosa das relações humanas na contemporaneidade tem estado no centro do debate que vem questionando sobre o pensamento disjuntor cartesiano dos últimos séculos, aquele que separa o ser humano em partes, privilegiando a razão em detrimento da emoção (SANTOS, 1995). Nesse sentido, podemos afirmar que um novo paradigma vem emergindo, propondo uma perspectiva anticartesiana (MATURANA, 2009) e se configurando com base num pensamento complexo (MORIN, 2001).

Nesse novo paradigma, o princípio organizador do conhecimento é, para Morin (2001), o problema crucial, pois demanda da humanidade que ela reorganize o seu sistema mental para re-aprender a aprender (MORIN, 2001), questionando os princípios deterministas e objetivos do paradigma cartesiano e construindo outros referenciais. Os princípios iluministas da fraternidade, igualdade e liberdade, fundantes do pensamento moderno, há muito foram



abandonados, deixando de ser uma causa para todos e se tornando a de grupos sociais privilegiados.

Já está claro para todos nós que a humanidade alcançou patamares inimagináveis em vários aspectos, como, por exemplo, o prolongamento da vida e a melhoria da saúde, mas, ao mesmo tempo, e de modo ambíguo, destruiu a natureza (geradora de vida), cedendo aos ditames do capitalismo, do consumo e do lucro. A economia, a ordem e a eficácia, cada vez mais se impõem diante da vida, provocando uma cotidianidade banalizada, em que a desigualdade social cresce em todo o planeta, gerando problemas de difíceis soluções, dentre eles, a fome, a miséria e outros provocados pelas mudanças climáticas que atingem a todos nós.

Propondo um novo modelo de organização social, Paula Carvalho (1990) defende os modelos neguentrópicos, aqueles que buscam a afirmação do sujeito individual e coletivo no interior dos grupos sociais e na relação desses com o ecossistema. Desse modo, a organização social precisa considerar o conflitual, o contraditorial, o diferente, o plural, passando a complexidade da cultura a ser o destaque. Com base nesse autor, entendemos que a fraternidade também vive momentos de mudanças e o paradigma da complexidade pode contribuir para novas organizações sociais, pautadas em outros valores e princípios em busca de uma ecologia integral.

Para isso, o paradigma da complexidade defende que os princípios da recursividade, da dialogicidade e do hologramático constituem o pensamento sobre as relações humanas, as emoções e o conhecimento, compondo um sistema aberto e plural (MORIN, 2002). A recursividade é, para Morin (2002), o processo pelo qual uma organização produz elementos e efeitos necessários à sua própria geração ou existência, realizando um circuito onde, o produto ou efeito último se torna elemento ou causa primeira. Nesse princípio, fica subentendido uma relação, ao mesmo tempo, concorrente e antagonista, que se articula com o princípio da dialogicidade, uma vez que os polos, como, por exemplo, amor e ódio, teoria e prática, dentre outros, são entendidos de modo diferenciados, ao mesmo tempo em que são complementares.

A dialogicidade seria essa associação complexa entre o concorrente, antagonico e complementar, instâncias necessárias à existência, ao funcionamento e ao desenvolvimento do fenômeno organizado. Por fim, o princípio hologramático está diretamente relacionado com o holograma e o





simbólico que ela representa para humanidade. Em um holograma, na imagem gerada em um ponto está toda a informação daquele objeto reproduzido, ao contrário de um desenho ou de uma fotografia em um plano, em que um ponto representa, necessariamente, aquele ponto e nada mais. Um holograma pode ser representado pelo corpo humano, na medida em que uma célula do nosso corpo compõe todo material genético presente nas demais células, ou seja, o todo está na parte e a parte está no todo (MORIN, 2005). O mesmo acontece em relação à sociedade e o ser humano, facilmente identificado, por exemplo, quando um de nós, cidadãos brasileiros, visitamos outro país, outra cultura. Ainda que sejamos únicos, levamos conosco todas as características identitárias da nossa sociedade.

Com base nesses três princípios do pensamento complexo, podemos identificar o novo humanismo, uma vez que o Papa Francisco também reconhece uma mudança paradigmática na relação do ser humano com o planeta, com a ecologia integral e com a relação fraterna entre os homens. Assumir, no pensamento de Francisco e Morin, que ambos enxergam os fenômenos planetários de forma complexa e interligada, é reconhecer que as ações humanas interferem nas condições naturais da Terra e esse é o primeiro passo para entender o quanto a nossa sociedade influencia na sua própria condição de vida. É nesse sentido que é preciso fugacidade para encontrar uma saída, pois a sobrevivência das espécies na Terra depende exclusivamente da força humana, que, agindo a favor delas e não contra, seja capaz de reagir a esse sistema compulsório, fruto do desgastado paradigma positivista.

O humanismo que o Papa Francisco vem defendendo se destaca quando se vive essa crise sem precedentes, exacerbada pelo descontrole da economia, que é o prógono da desigualdade social, das guerras civis e assassinatos em massa, dos suicídios, da migração desenfreada, do desmatamento florestal e contrabando de animais, da mineração e invasão de terras indígenas, dos agrotóxicos na agricultura, dentre tantas outras mazelas sociais. Ele nos provoca a re-aprender a estar no mundo, a re-parar, para ver de modo outro e, principalmente, a agir com consciência diante da realidade imposta. Nesse sentido, é factível e necessário refazer o diálogo com Paulo Freire, que sistematizou em seus livros, discursos, ações que propõem a integração humana consigo mesma, com o outro e com o meio ambiente, por meio de uma educação humanista.

Para Guimarães (2020), a mudança paradigmática já se faz presente na educação e, ao destacar o diálogo entre os autores aqui discutidos, encontra-se



uma forte aproximação entre eles “ambos (Freire e Morin) invertem o foco da ação educativa, da mera transmissão mecânica de conteúdos isolados para o do desenvolvimento integral, cognitivo-afetivo-social dos educandos” (GUIMARÃES, 2020, p. 15). Consideramos ser esse um importante passo para se pensar o novo humanismo proposto pelo Papa Francisco, para quem o primeiro princípio indispensável para a sua construção é “o da educação para um novo pensamento, capaz de unir diversidade e unidade, igualdade e liberdade, identidade e alteridade” (FRANCISCO, 2020, p. 11). Essa proposta envolve também a construção dialógica e crítica dos conhecimentos junto à sua contextualização cultural, estimulando o efetivo envolvimento dos sujeitos com os problemas, entendidos em uma condição planetária, pois, “a visão educacional não pode deixar de ser ao mesmo tempo uma crítica da opressão real em que vivem os homens (ser humano)” (FREIRE, 2015, p. 12).

Em vista disso, a educação para a humanização, proposta por Freire, seu contemporâneo Morin e, atualmente, o Papa Francisco (dentre tantos outros), não se desconecta da dimensão política. O cenário de complexidade das relações humanas e de uma educação crítica se coloca contra o sistema capitalista, que é um modelo pautado nas relações de poder provocadas pelo patriarcado, racismo, machismo, sexismo, capacitismo, dentre outros determinismos estruturantes e estruturais da nossa sociedade, que mata (vide vítimas sistêmicas) e que, por isso mesmo, precisa ser combatido. Freire já nos alertava para o dever de educadores se envolverem com a luta pelos direitos sociais conquistados em nossa sociedade.

Em tempos em que os nossos direitos estão cada vez mais ameaçados, esse debate é urgente e a educação não pode furtar de fazê-lo com vistas a construir novas propostas educativas que dialoguem com o proposto pelo paradigma emergente para uma ecologia integral. A escola precisa urgentemente deixar de ser o lugar do “empanturramento de cérebros”, como nos diz Atihé (2008) e se tornar o tempo/espaço onde o sabor pelo saber seja a mola impulsora da busca pelo conhecimento, do novo humanismo e de outros modos de ser/viver nossas relações amorosas numa perspectiva de cidadania planetária e ecologia integral.

### **3. A formação de professores em serviço em busca da ecologia integral**



*Terra, és o mais bonito dos planetas  
Tão te maltratando por dinheiro  
Tu que és a nave nossa irmã.*

*Canta, leva tua vida em harmonia  
E nos alimenta com seus frutos  
Tu que és do homem, a maçã.*

Admitir que estamos vivendo tempos de passagens e de mudanças paradigmáticas exige da sociedade e das unidades de ensino, principalmente, daquelas voltadas para a formação de futuros educadores, reconhecer a relevância em se investir em formações docentes verdadeiramente humanistas. Aqui defendemos aquelas instituições que assumiram colaborar diretamente para com um pacto, uma vez que, como o próprio nome já diz, um acordo só se consolida quando ambas as partes se comprometem em executá-lo e desenvolvê-lo. No caso do *Pacto* a sociedade seria uma das partes e os atores da educação a outra parte, cabendo a esses enaltecer o papel educativo e relevante de um educador, enquanto etapa de conscientização coletiva de uma pessoa.

Segundo Gatti (2016), “a educação para se ser humano se faz em relações humanas profícuas” (GATTI, 2016, p. 164). Assim, a educação para a fraternidade necessita estar em constante prática no contexto escolar por meio de vivências cotidianas de relações sociais que fortaleçam o papel do jovem para a compaixão com o próximo, o conduzindo para uma cultura do cuidado, da paz e do rompimento com o individualismo.

A própria noção de humanidade foi se modificando ao longo de nossa história. No medievo, por exemplo, pensar o ser humano como separado de Deus era impossível. Com as ideias advindas do Renascimento e a colocação do ser humano como centro do pensamento, reconhecendo a razão separada da emoção, o humanismo se desenvolveu junto com o modelo moderno de sociedade em uma condição de próprio culto do eu. O retorno do antropocentrismo nos fez acreditar e naturalizar a ideia de que nossa vida é mais importante do que a dos outros seres vivos. Mais uma vez, diz Krenak: “temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade. Pelo contrário” (KRENAK, 2020, p. 81).

A discussão proposta pelo Papa Francisco também questiona o antropoceno, investiga o humanismo existencial, duvida do fetichismo e combate a egolatria; fortalece os laços pela cultura do encontro, desafiando cada cidadão do mundo a ter coragem para efetivar a mudança necessária.



Romper com a egolatria é caminhar para o novo humanismo de Francisco e aqui cabe exatamente a fala da fraternidade, do amor e do cuidado, como viemos fazendo até agora. Cabe também trazer as relações estabelecidas com Morin, a fim de conseguirmos compreender essa complexidade humana, na qual a interligação terrena encontra-se na Casa Comum, naquele espaço de convivência universal que se chama natureza. É preciso reconhecer que a egolatria consiste na fratura da sociedade, aquele espaço-tempo em que os jovens não interferem mais na vida dos mais velhos, em que o consumo é simplesmente para satisfação pessoal, em que o meu olhar só permanece no espaço das minhas relações, negando os seres humanos que atuam socialmente de forma diferente, como os gays, os negros, os indígenas, as mulheres... (FRANCISCO, 2020).

A formação de professores para o novo humanismo é urgente. Quando a investigação encontra uma necessidade tão inadiável, é preciso refletir sobre os docentes em serviço, aqueles que já estão no dia a dia da escola, que se deparam com as emergências sociais e ambientais, muitas vezes sem a competência ou habilidade desenvolvida para aquele contexto.

Nesse sentido, destacamos a importância do processo educativo com vistas a desenvolver a consciência crítica de que cada ser humano importa, e muito, para uma formação em ecologia integral, convertida ecologicamente em um bem-estar da sociedade. Para tal processo se fortalecer no dia a dia da escola, Nóvoa (1992) defende o professor como pessoa, a unicidade presente no contexto de uma profissão que urge em “(re)encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais” (NÓVOA, 1992, p. 13), reconhecendo as histórias de vida desses sujeitos como parte do processo formativo. Por isso, também, a conversão ecológica pode e deve partir do professor para o estudante, de forma que a sua história de vida seja formativa e luminosa dentro da escola.

Ademais, Mendonça (2008), baseado no pensamento de Paulo Freire reflete que uma educação que se ocupa de desenvolver a consciência crítica das pessoas passa a ser uma ação cultural que liberta e não domestica, e isso possibilita aos homens e mulheres atuarem em seu contexto, refletindo sobre ele e transformando-o. Essa transformação se potencializa quando pensamos no *Pacto* e ele considera a importância de se colocar a pessoa no centro do processo. A relevância dessa construção está intimamente ligada à coletiva do processo educativo, no qual professores e estudantes, no centro, são alocados



horizontalmente quanto às relações humanas e se valorizam mutuamente na sociedade, reconhecendo no jovem o seu potencial formativo.

Tardif (2014) evidencia a construção dos saberes de forma social, compreendendo que “[...] um professor nunca define sozinho e em si mesmo o seu próprio saber profissional” (TARDIF, 2014, p. 12), mas sim, as relações que ele estabelece com os outros e com o conhecimento é o que faz o seu saber se desenvolver. Corroborando com Nóvoa (2001), que sustenta que “é no espaço concreto de cada escola, em torno de problemas pedagógicos ou educativos reais, que se desenvolve a verdadeira formação do professor” (NÓVOA, 2001, p.25), essas narrativas apresentam-se então como argumento para que a formação docente considere o protagonismo do educador e esteja presente em seu espaço de atuação.

Nóvoa (2019) afirma que o ciclo do desenvolvimento profissional do educador, desde sua formação inicial, se complementa com a continuada. Dificilmente um professor vai se considerar pronto, completo, uma vez que tem consciência que o conhecimento é sempre provisório. As transformações da sociedade e as gerações de educandos que recebemos, sempre diferentes umas das outras, provoca-nos a estar constantemente revisitando o processo de formação inicial como docente para melhores intervenções pedagógicas e humanizadas.

É nesse reconhecimento da relevância dessa formação continuada e em serviço que o *Pacto* acaba sendo um instrumento pertinente no processo. Segundo Lourenço; *et al.* (2019), percebe-se na atualidade uma tentativa em privilegiar a formação em serviço, uma vez que ela é consensualmente concebida como estratégia mais virtuosa para a promoção da criticidade e da reflexão-nação, já que está presente no tempo e no espaço do desempenho profissional. Para Bettega (2004), a formação continuada não é somente para ficar atualizado em sua área, devido à velocidade e o dinamismo com que o conhecimento é lançado e transmitido num curto espaço de tempo, mas pela própria natureza do fazer pedagógico.

Pensando nessa possibilidade, a proposta da formação em serviço ou uma formação continuada, reconhece esse potencial do professor em lidar com a sua concepção inicial de educação e promover ações reflexivas em sua atuação profissional diária. Destaca Sacristán (1999) que a formação continuada de professores tem se estabelecido como uma das questões centrais e necessárias a



qualquer tentativa de renovação do sistema educativo, o que nos ajuda a entender a importância que esta temática vem adquirindo nas últimas décadas, em meio aos empenhos globais para aperfeiçoar a qualidade do ensino e incorporar a ecologia integral na prática pedagógica.

A narrativa de que a formação em serviço exerce bons resultados e é relevante, merece uma atenção, mas, assim como Lourenço; *et al.* (2019) destacam, ainda prevalece na escola a persistente dicotomia entre teoria e prática; a resistência docente quanto às recomendações de mudança de prática; um descompasso entre as expectativas/necessidades dos professores e aquilo que lhes é transmitido durante as formações; a descontinuidade das iniciativas propostas; a não consideração dos professores como protagonistas e participantes ativos de suas formações; e, por fim, a ausência de orientações pensadas para suprir os principais problemas encontrados na prática docente.

Mesmo cientes dessas dificuldades, defendemos aqui a proposta de uma formação docente em serviço para a ecologia integral ancorada no pensamento complexo e seus princípios, em convergência com o projeto político pedagógico de uma instituição ou o trabalho de formação continuada de seu corpo docente. Segundo Nóvoa (2019), a construção pedagógica precisa de professores empenhados num trabalho em equipe e numa reflexão conjunta. Para isso, uma formação continuada em serviço se torna um dos contextos mais importantes para promover essa urgente transformação pedagógica defendida por Nóvoa (2019), Francisco (2020) e Morin (2021), dentre outros.

A formação humana nessa perspectiva deve ser reconhecida e considerada. O olhar para o outro, proposto também na Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, abrange essa característica, encarada na literatura como o reconhecimento do professor, de maneira que o mesmo seja ator no processo da sua formação. Segundo Tardiff (2014), os professores devem ser reconhecidos como colaboradores que, na reflexão da sua prática pedagógica, possam efetivamente transformá-la.

Acreditando numa formação em serviço que considere a ecologia integral e o novo humanismo, avaliamos ser necessário compreender o conceito de conversão ecológica, para que, atendendo ao chamado do Papa Francisco, educadores, de maneira geral, possam promover e atuar em prol do desenvolvimento de uma cidadania planetária, de cuidado com a Casa Comum, reconhecendo o protagonismo humano no processo.



A possibilidade de uma conversão ecológica aparece na formação em serviço com o caráter de fazer pedagógico, para que aconteça de forma intencional, por parte do docente, a inclusão de práticas sustentáveis, de consciência social, de coletividade e solidariedade, antagônicas à egolatria nos seus planejamentos. Ações como projetos interdisciplinares que envolvam cuidados com a natureza, manutenção do bem-estar social, empatia e respeito entre os pares são exemplos de um fazer pedagógico em conversão ecológica, levando em consideração que a ecologia integral está no pensar pela integralidade do ser humano e como ele se relaciona com o meio em que vive (TEIXEIRA, 2015).

Diante disso, urge pensar a formação em serviço de professores, reconhecer que a mesma não pode mais ser ancorada no paradigma da racionalidade técnica, mas que leve em consideração o professor como ator e autor de sua prática pedagógica, sua história de vida, suas experiências e seus saberes como objeto de investigação (SONEVILLE; JESUS, 2009). A ruptura em direção ao paradigma emergente pode caminhar pelas linhas da *Laudato Si'*, o documento fundador do novo humanismo, que rebate não somente o desastre ambiental, mas a situação social insustentável. Além da *Laudato*, o *Pacto Educativo Global* reforça essa ação, na medida em que promove o constante repensar dos processos educativos já existentes.

Nesse sentido, é preciso pensar uma formação humanista para além de uma educação tecnicista, pois o tecnicismo não passa exclusivamente pelo modelo de educação da década de 1970, mas pelo cenário de uma educação conteudista e cada vez mais mercadológica, na qual os educandos têm pouca, ou nenhuma, contribuição no processo de construção da aprendizagem e os docentes nos de formação. Podemos pensar também no cenário de educação católica no Brasil, onde nos deparamos com a oscilação entre o lidar com as diretrizes normativas da igreja e a lógica do capital (FERREIRA, 2022). A adoção do novo humanismo proposto pelo Papa Francisco precisa ser investigada na prática, uma vez que, de modo especial, essas escolas precisam estar alinhadas com seus preceitos e princípios<sup>3</sup>.

Sabemos que a formação de professores católicos no Brasil se depara com uma diminuição de integrantes do clero no espaço educativo e com a maior

---

<sup>3</sup> Ver estudos de Avila (2022) e Resende (2022).



presença de leigos, desde o Concílio Vaticano II. Com isso, a atenção maior da Igreja Católica para com os professores leigos favoreceu para que textos, discursos, documentos passassem a ser produzidos com mais frequência e orientações.

No documento *Educar juntos na escola católica: missão partilhada de pessoas consagradas e fiéis leigos*, escrito em 2007 pela Congregação para Educação Católica, a narrativa em prol de um educador de qualidade nas instituições é citada como:

A formação profissional do educador não só implica um amplo leque de competências culturais, psicológicas e pedagógicas, caracterizadas por autonomia, capacidade projetual e avaliativa, criatividade, abertura à inovação, disposição para a atualização, a pesquisa e a experimentação, mas exige também a capacidade de sintetizar competências profissionais e motivações educativas, com uma particular atenção à disposição relacional hoje exigida pela prática cada vez mais colegial da profissionalidade docente. De resto, nas expectativas dos alunos e das famílias, o educador é visto e desejado como um interlocutor amável e preparado, capaz de motivar os jovens para uma formação completa, de suscitar e orientar as suas energias melhores para uma construção positiva de si e da vida, de ser uma testemunha séria e credível da responsabilidade e da esperança da qual a escola é devedora à sociedade. (CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2007, s/p)

Assim como o Vaticano propõe, ao pensar na formação dos educadores católicos, no documento lhes é pedida uma constante atualização, não sendo suficiente um bom nível inicial de formação. Nesse sentido, uma inquietação se faz necessária ao educador de modo geral, e da escola católica em especial, quanto as transformações do mundo contemporâneo, que requerem desse profissional motivação suficiente para engajar os alunos e as suas metodologias, contribuindo para o crescimento pedagógico e de relações sociais de cada educando.

Como diz Teixeira (2015), a identidade dos espaços educativos, bem como os processos pedagógicos, formas de fazer, equipamentos e pedagogias precisam apresentar uma coerência interna que somente um olhar estruturado oferece. Não se pode pensar ecologia como algo independente da economia, da política, da cultura e do estilo de vida cotidiano. É preciso entender que, mesmo que o animal humano se diferencie das demais criaturas por criar cultura, ele ainda é cem por cento, natureza (TEIXEIRA, 2015). Essas provocações propostas pela autora suscitam nos docentes a inspiração do Papa Francisco como um



idealizador utópico de uma nova relação entre educandos e educadores, valorizando os ambientes da escola e fora dela como processos formadores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Vamos precisar de todo mundo.  
Um mais um é sempre mais que dois.  
Para melhor construir a vida nova.  
É só repartir melhor o pão.  
Recriar o paraíso agora.  
Para merecer quem vem depois.*

Com a utopia se faz o despertar da esperança, assim como Freire (2000) já nos propunha: “A propalada morte do sonho e da utopia, que ameaça a vida da esperança, termina por despolitizar a prática educativa, ferindo a própria natureza humana” (FREIRE, 2000, p. 56). Segundo ele, sem sonho e sem utopia, sem denúncia e sem anúncio, só resta o treinamento técnico a que a educação é reduzida (FREIRE, 2000).

O professor, para transformar o mundo, precisa primeiro ser transformado. O contexto antropocêntrico vivido desde a modernidade, como característica técnico-científica do modelo cartesiano, dificulta o reconhecimento do ser humano como um ser biosociocultural (MORIN, 2005). Além disso, transforma o espaço-tempo do ensino aprendizagem em um processo a ser concluído ao final dos anos escolares, em que os jovens saem cheios de conhecimentos adquiridos, empanturrados de saberes, que, muitas das vezes, mais os desumanizam do que humanizam. Afinal, quais conhecimentos queremos que os nossos educandos alcancem na perspectiva da ecologia integral? Este debate precisa urgentemente adentrar pelos portões de todas as escolas, não só as católicas e/ou cristãs, sob pena da humanidade se extinguir do planeta e tudo isso deixar de fazer sentido. O tempo urge...

O convite que o Papa Francisco hoje nos faz é o de esperar e não sucumbir. No entanto, como Guimarães e Alves (2022) protagonizam no prólogo do livro *O Novo Humanismo: paradigmas civilizatórios para o século XXI*, coadunando com o Papa Francisco: “Não há espaço para autoengano: existem muitas razões para desistir e desesperar” (GUIMARÃES; ALVES, 2022, p. 11). Os autores reforçam a existência de uma crise sistêmica instaurada na humanidade, dificultando ainda mais os processos de transformação de um novo modelo



educativo, mas relembram que o novo humanismo se apresenta como um projeto conceitual e político, teórico e prático. Acrescentamos que esse projeto precisa ser entendido de modo recursivo, dialógico e hologramático, de modo a abalar as formas atuais de organização econômicas e sociais, provocando um repensar da vida.

O *Pacto* é um documento que, se assumido com responsabilidade, se torna uma proposta de transformação e oportunidade de ruptura sistêmica advinda da crise, se apropriando da crise, como diz Morin (2002), como um espaço-tempo de oportunidade de mudar, de reconhecer os erros e transformar-se em algo melhor. Nesse sentido, o Papa Francisco não descarta que além de sonhar e esperar, é preciso coragem.

De outra maneira nos ensinou Guimarães Rosa (1986, p. 293) ao afirmar que “a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer dá gente é coragem”. Coragem para sermos o sal da terra, agentes da transformação, como na letra de música de Beto Guedes e Ronaldo Bastos, que nos acompanhou ao longo do texto. Assim, desejamos que as palavras finais dos compositores reverberem em nossas relações:

*Deixa fluir o amor  
Deixa crescer o amor  
Deixa fluir o amor  
O sal da terra!!!*

## REFERÊNCIAS

ATIHÉ, Eliana B. A. A educação em busca da sua própria alma. *In*: BARROS, João de Deus V. (Org.). **Imaginário e educação**. Pesquisas e reflexões. São Luís: EDUFMA, 2008.

AVILA, Maria Carolina Andrade Sousa de. **A formação de professores em serviço na perspectiva da ecologia integral**. Projeto de dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação PUC Minas. Belo Horizonte, 2022.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Documento para os seminários e as instituições de estudo**. Educar juntos na escola católica: missão partilhada de pessoas consagradas e fiéis leigos. 8 set. 2007. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_20070908\\_educare-insieme\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20070908_educare-insieme_po.html) Acesso em: 31 out. 2022.

BETTEGA, M. H. **Educação continuada na era digital**. São Paulo: Cortez, 2004.



COELHO, Allan da Silva. Paulo Freire e Papa Francisco: diálogo sobre discernimento e educação ecológica na *Laudato Si'*. **Revista Pistis Praxis: Teologia e Pastoral**, Curitiba, v. 13, n. 2, p. 912-930, maio/ago. 2021.

FERREIRA, Amauri Carlos. Da Gravissimum Educationis ao projeto educativo do Papa Francisco: o clamor de um humanismo abstrato. *In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL ESTUDOS DO CATOLICISMO*, 2., 2022, Juiz de Fora. **Anais [do] II Simpósio Internacional Estudos do Catolicismo: Concílio Vaticano II: o catolicismo de João XXIII a Francisco**. PPCIR/UFJF: Juiz de Fora, 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/10jWOMPX-JycJwv8Pjpdizm-qhau6uhK2/view>. Acesso em: 16 out. 2022.

FERREIRA, Vicente. EXTENSÃO PUC MINAS. **Seminário de Extensão 2022**. O Novo Humanismo na perspectiva da Ecologia Integral. Youtube, 22 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xj4z69cmT2Y>. Acesso em: 16 out. 2022.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si'**. São Paulo: Editora Paulinas, 2015. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html) Acesso em: 19 out. 2022.

FRANCISCO, Papa. **Pacto Educativo Global: Instrumentum Laboris**. 2020. Disponível em: <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/> Acesso em: 10 out. 2022.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do Papa Francisco para o lançamento do Pacto Educativo Global**. 2019. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco\\_20190912\\_messaggio-patto-educativo.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html) Acesso em: 02 nov. 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GATTI, Bernadete. Formação de professores: condições e problemas atuais. **Revista Internacional de Formação de Professores (RIFP)**, Itapetininga, v. 1, n.2, p. 161-171, 2016. Disponível em: <https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/RIFP/article/view/347> Acesso em: 03 out. 2022.

GUEDES, Beto; BASTOS, Ronaldo. O sal da terra. *In: GUEDES, Beto. Contos da Lua Vaga*. Belo Horizonte, Emi Odeon, 1981. (LP/CD)

GUIMARÃES, Carlos Antônio Frágoso. **Paulo Freire e Edgar Morin sobre saberes, paradigmas e educação: um diálogo epistemológico**. Curitiba: Appris, 2020.

GUIMARÃES, Joaquim Giovani Mol; ALVES, Claudemir Francisco. Apresentação. *In: GUIMARÃES, J. G. M.; et al. (Orgs.). O Novo Humanismo*:



Paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco. São Paulo: Paulus, 2022. p. 9-32.

GUIMARÃES ROSA, João. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LOURENÇO, R. S. S. L.; *et al.* Formação continuada em serviço: relações entre seus aspectos fundamentais e as práticas instituídas. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 15, n. 32, p. 481-498, abr./jun. 2019  
Disponível em:  
<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/5065>. Acesso em: 16 out. 2022.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MENDONÇA, Nelino Azevedo de. **Pedagogia da humanização: a pedagogia humanista de Paulo Freire**. São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção pedagogia e educação).

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, Edgar. **O método IV. As ideias**. 3. Ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. Ed. São Paulo/Brasília: Cortez/UNESCO, 2002.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p.13-33.

NÓVOA, António Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 1-15, 2019.

PAULA CARVALHO, José Carlos. **Antropologia das organizações e educação: um ensaio holonômico**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990.

RESENDE, Júlio Cesar Evangelista. **Formação docente e humanismo na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Poderes Instáveis em Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SONNEVILLE, J. J.; JESUS, Francineide Pereira De Jesus. A complexidade do ser humano na formação de professores. In: NASCIMENTO, AD.; HETKOWSKI, TM. (Orgs.) **Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e**

tecnológicas. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 296-319. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/jc8w4/pdf/nascimento-9788523208721-14.pdf>  
Acesso em: 10 de out. de 2022.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1995.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

TEIXEIRA, Aleluia Heringer Lisboa. **Encíclica Laudato Si' e Educação: qual a parte que nos cabe?** Belo Horizonte: Edição do autor, 2015.

---

#### **SOBRE AS AUTORAS:**

**Maria Carolina Andrade Sousa de Avila:** Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais, modalidades Bacharelado (2012) e Licenciatura (2014). Atua como professora de Educação Básica em níveis de Educação Infantil, Fundamental 1 e Ensino Médio em escola da rede particular confessional de Belo Horizonte e Contagem. Pós graduação em Ensino de Educação Física pela PUC Minas (2017). Mestranda em Educação PUC Minas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8482-5610>. E-mail: [maria.sousa@santoagostinho.com.br](mailto:maria.sousa@santoagostinho.com.br)

**Vânia Noronha:** Graduada em Educação Física. Especialista em Lazer e em Educação Física Escolar. Mestre e Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e das graduações em Pedagogia e Educação Física da PUC Minas. Autora dos livros "Rastros de África no Brasil: práticas educativas no Reinado de Nossa Senhora do Rosário" e "O corpo lúdico Maxakali: segredos de um programa de índio" ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3075-4906>. E-mail: [vaninhanoronha@gmail.com](mailto:vaninhanoronha@gmail.com)

#### **Tramitação:**

*Recebido em: 07/11/2022*

*Aprovado em: 19/12/2022*